

Apresentação

Denise Cogo
Adriana Amaral

Em seu segundo número de 2012, a revista *Fronteiras* publica um conjunto de dez textos que compõem o dossiê sobre *Tecnologias da Informação e da Comunicação, Cultura e Mobilização Social*. Autores de instituições acadêmicas nacionais e internacionais discutem, nessa edição especial da revista, as múltiplas articulações entre tecnologias, culturas, movimentos sociais, ciberativismo, mobilização social e cidadania.

No texto *Monitoramento, vazamentos e anonimato nas revoluções democráticas das redes sociais da internet*, Fabio Malini e Henrique Antoun partem da análise do conceito de monitoramento para caracterizar, na pós-modernidade, mecanismos desse monitoramento no exercício de controle das narrativas. A internet, que assume centralidade na reflexão proposta, vai permitir, conforme os autores, tanto o pleno monitoramento quanto o vazamento e o anonimato daquilo que nela circula, impedindo o controle advocatício da circulação das narrativas. “As lutas biopolíticas através do anonimato e do vazamento”, destacam Malini e Antoun, “fazem valer a franqueza como forma de luta para a construção democrática dos novos modos de viver e governar”.

Em *Jornalismo de multidão: a resistência da rede Indymedia*, Diego Carvalho oferece um itinerário de compreensão do que chama de jornalismo de multidão a partir de um triplo movimento construído a com base nos resultados de uma pesquisa que o autor realizou sobre o site de resistência Indymedia. As três dimensões desse movimento abrangem a descrição do site, a releitura de alguns conceitos dos autores Antonio Negri e Michael Hardt e relações entre estes conceitos e o Indymedia.

Em um terceiro texto, intitulado *Os contextos da comunicação num mundo em mudança: a Internet, as oportunidades de participação e o jornalismo regional*, os pesquisadores João Carlos Sousa e Ricardo Morais refletem sobre o pressuposto da Internet funcionar como plataforma capaz de diversificar e potencializar as possibilidades de uma revitalização da participação cívica. Os autores questionam em que medida as versões online dos jornais promovem o acesso e a participação mais democráticos se comparado às suas versões em papel. Sousa e Morais desenvolvem um estudo comparativo das oportunidades de participação disponibilizadas por um conjunto de sites de jornais regionais de Portugal: “Grande Porto”, “Jornal da Bairrada”, “Jornal do Centro”, “Diário As Beiras”, “O Ribatejo”, “Região de Leiria”, “Jornal do Fundão” e “O Algarve”.

No artigo *Políticas culturais, vídeo digital e política de representação: fatores para o desenvolvimento do cinema de periferia brasileiro*, Gustavo Souza propõe a análise de três fatores que concorrem para o desenvolvimento da produção audiovisual nas periferias brasileira: as políticas culturais empreendidas nos últimos 10 anos, tanto no âmbito municipal quanto federal; o desenvolvimento das tecnologias digitais, que se popularizaram, facilitando

o acesso aos meios de produção e, por fim, as novas propostas de políticas de representação, que tentam se distanciar da ideia dos espaços periféricos como locais exclusivos de insegurança, perigo e violência.

Em “*Quanto custa mudar o mundo?*” análise da dimensão discursiva do ciberativismo na *WikiLeaks*, Willian Fernandes Araújo e Ernani Cesar de Freitas elaboram reflexões sobre a utilização de estratégias discursivas como práticas ciberativistas. Com base na análise de discurso do vídeo “What does it cost to change the world?” produzido pela organização ciberativista Wikileaks”, os autores se empenham em identificar as estratégias discursivas empregadas, evidenciando que o enunciador se utiliza da enunciação elocutiva e da persuasão argumentativa através de recursos descritivos (efeito de saber, de confiança e de gênero) com a finalidade de incitar, fazer-fazer, fazer-colaborar e de colocar no debate social os seus valores de crença.

A pesquisadora Jussara Borges, autora do texto *O uso da internet por organizações da sociedade civil enquanto atores cívicos*, discute o emprego que organizações da sociedade civil dão à Internet com ênfase em suas ações de participação política. A partir de levantamento bibliográfico e entrevistas com 44 gestores de organizações em Salvador, Bahia, os resultados da pesquisa reunidos no texto indicam, por um lado, que os principais usos da Internet estão relacionados à manutenção de contato constante com os pares e também à busca de informação. Por outro lado, esses resultados sugerem que Internet propiciou a renovação de algumas formas de participação política – a exemplo dos abaixo-assinados – e a emergência de novas, como o ciberativismo.

Em *Entretenimento, Sociabilidade e Consumo nas Redes Sociais: cativando o consumidor-fã*, Gisela Castro parte do entendimento do consumo como instância privilegiada para pensar a experiência contemporânea no contexto da crescente penetração do mercado nas esferas mais diversificadas da vida social, especialmente no âmbito da subjetividade. A parceria entre as culturas midiática e do consumo enseja, na reflexão da autora, formatos e modelos inovadores como a comunicação interpessoal de massa em que as lógicas do entretenimento, da sociabilidade e dos negócios se entrecruzam neste tipo de interação característico da cultura digital atual. Nessa perspectiva, Castro reflete como a ambição de envolver o consumidor como parceiro e fã de determinada marca, produto ou serviço está presente com maior ou menor grau de transparência na comunicação mercadológica, tornando indispensável problematizar a participação dita espontânea nas redes sociais.

Entre o agrupamento e a comunidade virtual: edição colaborativa das biografias dos jogadores “Adriano” e “Ronaldo” na Wikipédia é outro texto dessa edição em que o pesquisador Carlos Frederico de Brito d’Andréa explora o processo de edição de dois artigos da Wikipédia em português (sobre os jogadores “Adriano Leite Ribeiro” e “Ronaldo Luis Nazário de Lima”), procurando analisar a atuação de editores mais engajados (membros da “comunidade virtual”) e dos colaboradores eventuais (o “agrupamento”). O autor identifica, a partir dessa análise, dois tipos principais de disputas entre editores e discute a dinâmica da edição colaborativa dos artigos.

No texto, denominado *Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual*, Francisco Rudiger reflete, a partir especialmente da análise da obra de Sherry Turkle, como, em meados dos anos 1990, o ciberespaço passou a chamar a atenção da antropologia como campo de investigação. O autor parte de indicações sobre a forma como se configuraram os estudos de cibercultura para analisar a aproximação feita pela antropologia com esse campo de estudos na década de 90. O autor propõe uma reflexão crítica sobre os méritos e limites do emprego da etnografia nos estudos de cibercultura, distinguindo entre as pesquisas etnográficas propriamente ditas e as reflexões epistemológicas a que elas deram origem entre os praticantes do ofício.

O texto que fecha o dossiê, de autoria de Nico Carpentier, parte da constatação da ampla variedade de campos e da vasta gama de significados que comporta o conceito de participação para discutir seus imbricamentos com a noção de poder. Em *The concept of participation*.

If they have access and interact, do they really participate?, Carpentier reúne reflexões em torno do poder como dimensão do conceito participação a fim de propor uma análise centrada principalmente nas distinções entre interação, acesso e participação e oferecer referências fundamentais para refletir sobre a presença e usos das tecnologias da comunicação na vida social, notadamente a internet. Essa distinção permite, segundo o autor, observar com maior nitidez os significados essenciais atribuídas à participação como um processo político em que os atores envolvidos em processos decisórios estão posicionados em relações de poder que são (até certo ponto) igualitárias.